



**INTERNATIONAL CONFERENCE
OF SILK, SUGAR AND SPICES: NEW DIRECTIONS IN EAST-WEST COOPERATION
ISCAP, 11 NOVEMBER 2015**

Pedro Calado

Alto-Comissário para as Migrações

Exmo. Sr. Presidente do ISCAP,

Exma. Sra. Vice-reitora do IPP,

Exma. Sra. Diretora,

Antes de mais, muito obrigado pelo convite para aqui estarmos, num momento em que Portugal e a Europa se confrontam, mais uma vez, com um desafio civilizacional. O de acolher os que de nós precisam. Da resposta a esse desafio resultará muito do que seremos no futuro. Muito do que já somos resultou em muito do que fomos no passado. Ainda que, frequentemente, sobre isso não reflitamos o suficiente. Permitam-me, pois, lançar esse desafio para esta Conferência Internacional.

A propósito da recente chegada de refugiados sírios a Portugal, José Eduardo Agualusa, escreveu recentemente no jornal *O Globo* um texto extraordinário: Chama-se “Raças Impuras”. Nesse texto relembra um episódio contado pelo ex-Presidente da República Mário Soares. Um dia, num encontro que o antigo presidente português teve com Yasser Arafat, para discutir o interminável conflito israelo-árabe, este chamou-lhe a atenção para a herança árabe da Península Ibérica: “Vocês, portugueses, têm de nos apoiar. Afinal, vocês são árabes”. “É verdade.” Reconheceu Soares, e logo acrescentou: “Mas também somos judeus”. Agualusa conclui dizendo: “Os portugueses são, de fato, essa mistura antiga de árabes, judeus e negros. Os brasileiros são a mistura, ainda mais desvairada, de portugueses, africanos, índios, libaneses, japoneses etc. Um português que odeie “árabes” é um português que se odeia a si próprio (...) Um neonazi português ou brasileiro é o mais esdrúxulo, ridículo e repulsivo dos oximoros. Contudo — pasme-se! — eles existem.”

A permanente busca da identidade tanto individual como coletiva de um povo faz parte do exercício fundamental para nos compreendermos em sociedade e no mundo. Na procura dessas respostas



redesenham-se fronteiras e descobrem-se novos “outros” e novos “nós”, nas múltiplas experiências em ‘camadas’ em que uma cultura se constrói.

A busca da identidade em retrospectiva na história de um povo ajuda a evidenciar não apenas como a identidade é mutável, mas também como temos mais dos “outros” do que pensamos. Se me permitem, e até por termos um público maioritariamente internacional, exploro aqui um pouco do legado intercultural português para evidenciar isso mesmo: como nós portugueses somos um povo com uma identidade marcada por um património e história que é o resultado do encontro de culturas de vários séculos. De séculos de diálogos interculturais resulta a cultura portuguesa e a nossa identidade coletiva.

Há séculos que os portugueses mostram atração cosmopolita por conhecer o mundo, chegar a outros continentes, descobrir o “outro”. Os portugueses foram, pois, pioneiros na globalização e na construção identitária de matriz intercultural. O interculturalismo surge neste fenómeno de não apenas conhecer várias culturas, mas de potenciar a interação cultural. Uma vez pela força, muitas vezes pela “pena”. São várias as dimensões onde na cultura portuguesa se deve reconhecer esse delegado intercultural:

1. Na nossa História e no nosso património:

A visão que temos da História é muito marcada pela forma como se analisa o passado. O tempo e as suas marcas deixadas no património são construídos, podendo existir um conflito na forma como se integram diferentes vivências da mesma história ou como o processo histórico é relatado. Um pequeno exemplo que deixo aqui ilustra bem o que quero transmitir com esta ideia:

Ax-Lixbuna, como era chamada a Lisboa árabe medieval, está repleta de vestígios da estadia árabe em Portugal. São vários os exemplos no traçado urbanístico das ruas. O bairro da Mouraria e a zona do Martim Moniz em Lisboa são reconhecidos em inúmeros guias turísticos como o espaço de eleição que permitiu a conquista de Lisboa aos mouros, renomeando-se o espaço num passado recente para a praça do Martim Moniz (antes chamada de Socorro) para recuperar a identidade ao espaço do herói que morreu a sustentar com o seu próprio corpo a entrada da muralha para assegurar a conquista do castelo pelos cruzados. Hoje o espaço volta – como outrora – a ser um espaço de eleição de povos de diferentes culturas, crenças religiosas, línguas, costumes alimentares, e neste reencontro com o passado, reconta-se a história.



Não na perspetiva de quem foi expulso, banido ou convertido, mas na perspetiva de quem é aclamado herói na conquista da cidade. A forma como contamos cada história tem, pois, inerente opções, teses e antíteses que integram o processo histórico e do qual resulta a nossa identidade lisboeta ou portuguesa. A forma como as ruas (labirínticas) foram desenhadas e construídas, e que cercam o castelo, essas estão na História reificada da génese da capital do país, marcando inevitavelmente as raízes dum povo noutros povos. Também onde se ergue hoje a Sé de Lisboa já foi um dia uma Mesquita da comunidade muçulmana que introduziu inúmeros conhecimentos bastante evoluídos para a época nas áreas da medicina, navegação, astronomia e matemática.

2. Na nossa Língua e nos nossos nomes:

A língua funciona como um instrumento fundamental de identidade de um povo. Mas é também o resultado de trocas (linguísticas) entre culturas e povos que convivem durante séculos, tornando-se num excelente exemplo de como as culturas são necessariamente fruto de trocas, estando constantemente sujeitos à inovação. Os numerosos crioulos de base portuguesa retratam bem as dinâmicas criativas que o encontro de culturas promove.

Noutro sentido, são inúmeras as expressões e palavras que ‘importamos’ dos inúmeros continentes onde estivemos. Inúmeras expressões hoje assumidas como portuguesas são, na realidade, de origem dos vários continentes por onde passaram os portugueses. Entre esses exemplos que constam já do vocabulário quotidiano e que foram sendo recolhidos ao longo de séculos temos: «ir de vento em popa»; «pentear macacos»; «meter uma lança em África»; «dormir à sombra da bananeira»; «andar de tanga»; «grande tormenta»; «negócio da China».

Do oriente chegaram-nos também inúmeros vocábulos como ‘anil’, ‘bambu’, ‘bengala’, ‘biombo’, ‘bazar’, ‘chá’, ‘chávena’, ‘leque’, ‘mandarim’, ‘monção’, ‘pagode’. Já das Américas chegou ‘papaia’, ‘canoa’, ‘chicote’, ‘jacaré’, ‘tapioca’, etc. No caso africano chegaram alguns termos ligados às crenças religiosas como ‘Ouxalá’, ou ‘Iemanjá’, mas também palavras como ‘batuque’, ‘quilombo’, ‘samba’, ‘senzala’, ‘cachimbo’.

O Português é hoje a terceira língua de origem europeia mais falada no mundo, mas é também um idioma feito de várias ramificações, nascidas de múltiplos processos de mestiçagem. Um fado português –



esse património mundial da humanidade nascido em Portugal – retrata também esta vida da língua e do povo português tão bem manifestado no FADO PORTUCALENSE de João Craveirinha

3. Na nossa alimentação:

Inúmeros exemplos da tradicional alimentação portuguesa reúnem os encontros e diálogos interculturais da gastronomia de vários povos e culturas. Os portugueses são normalmente conhecidos pelo seu hábito de beber café – e bastante variado por sinal: e.g. café cheio, curto, cortado, abatanado, pingado, com cheirinho... -, ora este hábito foi importado do Brasil.

Já da alheira se conta que surgiu nos finais do século XV como consequência da ação político-económica do rei D. Manuel I de expulsão dos Judeus do país “Que os Judeus ricos ficassem na sua Pátria, e mesmo praticando a lei de Moisés, que o fizessem”. Desde que, claro está, pagassem as volumosas contribuições para o caso expressamente estabelecidas e que assim os discriminavam. Mas e os judeus pobres? Esses tiveram de ser convertidos - a maior parte das vezes com duvidosa convicção – ao Cristianismo. E assim nasceram os *Cristãos Novos* que secretamente mantinham as suas tradições. Como a inquisição procurava saber quem não comia carne de porco, muitos Judeus houve que descobriram no fabrico das alheiras uma forma de enganar os perseguidores. Começaram a aparecer no cimo das lareiras, uns doirados e roliços enchidos, parecendo ressumar farta gordura de porco recentemente abatido, que, por entre ténues cortinas de fumaça se enfileiravam em ar de abundância. Os perseguidos Cristãos Novos em lugar de comer a carne do animal que a lei judaica vedava, antes comiam galinha, coelho do mato, perdiz, e tudo amassado no pão da região.

Deve-se também aos portugueses o vasto e apreciado consumo do bacalhau. Os portugueses descobriram o bacalhau no século XV, na época das grandes navegações, daí a necessidade de o salgarem para o manterem conservado durante vários meses. Fizeram tentativas com vários peixes da costa portuguesa, mas foram encontrar o peixe ideal perto do Pólo Norte. Foram os portugueses os primeiros a ir pescar o bacalhau na Terra Nova (Canadá), que foi descoberta em 1497. Existem registos de que em 1508 o bacalhau correspondia a 10% do pescado comercializado em Portugal. Já em 1596, no reinado de D. Manuel, se mandava cobrar o dízimo da pescaria da Terra Nova nos portos de Entre Douro e Minho. Também pescavam o bacalhau na costa da África. O bacalhau foi imediatamente incorporado aos hábitos alimentares e é até hoje uma de suas principais tradições da gastronomia portuguesa.



Conclusão

Somos, pois, e como sonhava Fernando Pessoa, “*plurais como o universo*”. Sem procurar ser exaustivo, estes exemplos a vários níveis das marcas da nossa interculturalidade, ajudam-nos a reinterpretar a nossa identidade portuguesa, lisboeta, portuense, cosmopolita.

Este legado de encontro de culturas e diálogos interculturais acarreta inúmeras oportunidades para o atual fenómeno das migrações. Não apenas se espera que os imigrantes descubram pontes e proximidades para a sua integração, como para os portugueses que decidem partir do nosso país se espera que, fazendo parte do seu ADN, estejam preparados para lançar pontos de diálogo e de encontro com outras culturas e outros povos.

Se há raça impura, essa tem a sua expressão na portugalidade. E ainda bem que assim o somos. É isso que nos torna preparados para o que o futuro já nos está a trazer.